

## CRÍTICA FILME | CINCO TIPOS DE MEDO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

# Coral de desamparos

**E**mprega-se o termo “filme-coral” para classificar narrativas feitas de núcleos de personagens distintos - e autônomos - que trombam sob vetores sociais. Por vezes, essa estrutura lembra uma Comédia Humana e se dá como um painel... onde tudo é horizontalizado... sem hierarquia de personagem, como “Short Cuts” (1993), de Robert Altman (1925-2006) e o brasileiríssimo “Amarelo Manga” (2002), de Cláudio Assis. Às vezes, a fricção é mais segmentada, criando, numa dinâmica naturalista, a distinção entre ambientes (territórios) onde protagonistas e coadjuvantes operam, tipo “Babel” (2006) e “Crash – No Limite” (2005).

Uma combinação harmônica entre esses dois extremos se fez consagrar com “Amores Brutos” (2000), um dos pilares Nova Onda do Cinema Latino, jogando a produção autoral do México numa nova ribalta. “Cinco Tipos De Medo”, que estreia agora, coroado com o Kikito de Melhor Longa-



Divulgação

-Metragem no Festival de Gramado de 2025, posiciona-se mais próximo da herança desse cult mexicano, mas exulta brasilidade em sua triagem dos desamparos sociais de nossa pátria.

Convulsivo do início ao fim, esse thriller do Mato Grosso se alinha, na forma, com a genealogia do cinema de ação à la Charles Bron-

*Tom Waits, o Peréio da canção americana, atua como um pai malandro no longa ganhador do Leão de Ouro de 2025*

son, atualizado nas pérolas com Jason Statham e Liam Nesson que hoje passam no “Domingo Maior”.

Esse alinhamento vem não apenas pelo teor de adrenalina nas

sequências de tiroteio e de luta desenhadas na direção de Bruno Bini - também responsável por montar e roteirizar o longa -, mas também pela construção de uma persona vilã como raro se vê em nossos longas mais violentos: o traficante Sapinho. O nome bilú teteia não deve te enganar: a atuação devastadora do rapper Xamã faz dele um

bicho-solto de dar medo. Não por acaso, ele levou um merecidíssimo Kikito de Ator Coadjuvante. O cabra assusta.

Sapinho é um câncer social que se espalha como metástase por uma Cuiabá com as mesmas feridas de outras cidades do país. Num de seus bairros, Murilo, um violinista enlutado após a covid (interpretado por João Vitor Silva), envolve-se com a enfermeira Marlene (Bella Campos), que vive presa a um relacionamento abusivo com Sapinho. O bandidão há de macular ainda o caminho da policial Luciana (Bárbara Colen) - hoje em cruzada de justiça - e do advogado Ivan, que (graças à sutileza do sempre eficaz Rui Ricardo Dias) é a figura mais ambígua na tela.

Essas cinco pessoas vão colidir num caminho sem volta, numa cartografia de ações e reações enquadrada de modo dionisíaco na direção de fotografia de Ulisses Malta Jr. Gramado foi ao delírio com o encaixe azeitado de cada peça do roteiro (também premiado por lá) de Bini, que se comporta como um panóptico - estrutura de observação em 360° da sociedade -, como só se via “Amnésia”, de Christopher Nolan, de 2000 -, capaz de revisar cada sequência anterior sob novos e reveladores prismas.

## CRÍTICA FILME | PAI, MÃE, IRMÃ IRMÃO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

# Estética ‘Toca Raul’ num álbum de família

Em momentos distintos, mas sempre bem-vindos de “Father Mother Sister Brother”, a vizinha melada de Dusty Springfield (1939-1999), em “Spooky”, toma a gente de assalto nos versos “In the cool of the Evening/ When everything is gettin’ kind of groovy/ You call me up and ask me:/ ‘Would I like to go with you and see a movie?’”. O tônus cool que configurou a obra do diretor estadunidense Jim Jarmusch desde sua gênese - com “Permanent Vacation”, em 1980 - está posta e poetizada na estrofe acima.

O cinema é o que acontece quando o barato da vida passa a ser um

protocolo. Essa é a égide a partir do qual o cineasta, hoje com 73 anos, cunhou ensaios existencialistas como “Flores Partidas” (vencedor do Grande Prêmio do Júri de Cannes, em 2005) e “Paterson” (2016).

Espécie de Maluco Beleza numa constelação autoral de cineastas consagrados nos anos 1980 que... ou se aperaram ao realismo (John Hughes, Rob Reiner) ou migraram para a espetacularização retórica (Oliver Stone) ou flanaram pela fantasia (John Carpenter) ... Jarmusch criou uma estética “Toca Raul”. Com ela fala até de violência (“Ghost Dog”), mas nunca perde



Vague Notion Atsushi Nishijima

*Tom Waits, o Peréio da canção americana, atua como um pai malandro no longa ganhador do Leão de Ouro de 2025*

o interesse em driblar aquela velha opinião formada sobre tudo... sobre o que é o amor... sobre quem é. Seu novo filme ganhou o Leão de Ouro de Veneza num gesto de consagração dessa mirada lírica.

Traduzido literalmente aqui como “Pai Mãe Irmã Irmão”, seu novo filme é um delicadíssimo diorama das agruras da convivência familiar. A narrativa estrutura-se em três segmentos que se encaixam pelo afeto... ainda que seja uma afetuosidade torta. Jarmusch usa sua

recorrente estrutura de falatórios incontinentes. Fala-se pelos cotovelos em cena, mas há sutilezas. Elas aparecem quando o viúvo vivido pelo Paulo César Peréio da canção americana, o bardo Tom Waits, busca subterfúgio para disfarçar dos filhos (Mayim Bialik e Adam Driver) seu Rolex.

Na delicada montagem, assinada pelo paulistano Affonso Gonçalves, vemos algo de sutil no que está no subtexto das conversas entre as mulheres (a matriarca vivida pela

diva Charlotte Rampling e as filhotas Cate Blanchett e Vicky Krieps) de um clã de Dublin. Um relógio pinta por ali também. Também se vê algo de sutil na forma como os manos Skye (Indya Moore) e Billy (Luka Sabbat) inventariam memórias e pertences de seus finados pais... incluindo um Rolex.

É a metáfora do Tempo como claustro e como produto, dois substantivos que Jarmusch refuta com sua marota forma de banalizar convenções.